

I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Diálogo e a amorosidade em Paulo Freire

Carla Cristina Guimarães dos Santos¹

Como falarmos de Paulo Freire sem nos remetermos a sua forma de olhar o mundo, olhar as pessoas, olhar as coisas que fazem parte desse mundo. Olhar esse que deve ser crítico, analítico, amoroso e humano. Um olhar que dialoga com o outro, sem palavras, somente expressões que estão presente nesse olhar.

E como atuarmos na educação sem sermos amoroso e dialógico com nossos alunos? Mas o que seria essa educação com amorosidade que tanto nos intriga e que está presente no discurso de Freire. A educação deve ser o caminho ao encontro do menino, onde o diálogo, o amor e a confiança estejam entrelaçados, emaranhados um completando o outro. A libertação do sujeito é necessária, mas de forma amorosa, não paternalista e piegas. Devemos refazer os caminhos, de forma coletiva onde as intersubjetividades sejam reconhecidas, dessa forma, o sonho ancorado no presente concreto, apontará um futuro, o qual se constituirá pela transformação do presente, onde as esperanças utópicas de Freire se tornarão lugares possíveis, mesmo diante de sua ausência física.

A concretude desta amorosidade freireana se dá no acolhimento das diferenças, tanto cultural quanto ético e esse amor pelo outro é um ato de coragem. Segundo Freire (1987): “o amor é um ato de coragem, [...] o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.” Diante dessa afirmação pode se concluir que a amorosidade freireana é aquela que reconhece as dificuldades e a realidade do sujeito, e não se acomoda diante dela, e sim se compromete com sua causa, sua vida.

Diante disso encontramos o caminho para nossa pergunta. Não adianta estarmos dentro das salas de aula sem termos conosco uma causa, um objetivo um compromisso com o sujeito que ali está presente, muita das vezes sem ao menos entender o porquê de estar ali. E qual o verdadeiro significado de ser gente, de fazer parte de um povo que diversas vezes não o reconhece como um dos seus, não os reconhece como gente.

¹ 6º período/ Pedagogia

Existe um documentário chamado “A ilha das flores”, onde os animais são mais valorizados do que o ser humano. Ser humano esse que come o que não serve para os porcos. E como situarmos o pensamento e a luta de Freire diante dessa experiência real? Onde o sujeito não é acolhido, não tem sua causa abraçada, vive em um espaço o qual o oprime e o diminui. O diálogo é inexistente nesse lugar, mas existe um amor e um diálogo em nossas causas enquanto docentes?

Segundo Freire (1987), “não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (p. 79-80). Ter uma prática pedagógica a qual não condiz com essa relação de diálogo e amor, não é ter o ser humano como gente, é não reconhecer a causa do outro como sua.

É fato que encontraremos um sistema defasado o qual não se preocupa com o sujeito que ali está em formação, mas isso não justifica que devemos agir da mesma forma ou nos corrompermos diante dessa situação. Acreditar em uma pedagogia amorosa e dialógica é um dos primeiros passos o qual todo pedagogo deveria seguir, ou até mesmo apoiar-se.

Somos responsáveis por criarmos e recriarmos um novo mundo, em acreditarmos que existe algo bom nos seres humanos, assim como Freire acreditou, recuperando assim uma educação que até então é autoritária e tradicional. Esse tipo de escolas que tem como princípio a autoridade e o tradicionalismo não permitiu que fosse possível formar cidadãos críticos, que pensam e que queiram modificar o mundo através de suas ações.

Devemos reconhecer a necessidade do outro, sua singularidade e sua causa e só assim conseguiremos nos tornar mais humanos, onde o amor estará presente em nossas ações, auxiliando nossas atitudes. Uma amorosidade que envolve o país, o mundo, através de seus braços acolhedores e conscientes de suas decisões, as quais se dão em coletivo, onde todos são iguais, não nas aparências, mas nos direitos de cidadãos.

Referências:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. 2ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 448p.